



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE  
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

## ENSINO DAS CULTURAS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIRAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: AÇÕES E DESAFIOS

Eixo: Educação, Diversidade e Inclusão  
Subprojeto: Pedagogia

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

**Leidiane Neves de Souza** (leidianenvssouza@gmail.com); **Gustavo Nascimento Souza** (gustavosouza8880@gmail.com); **Rafaella da Silva Chagas** (rahchagas015@gmail.com);  
**Alex de Lua Paixão Barreto** (alexpx2002@gmail.com); **Katia Danielle Santos Silva Rozzato** (katia.rozzato@seduc.feiradesantana.ba.gov.br).

**Palavras-chave:** PIBID; Étnico-Racial; Educação; Indígena;

### 1. INTRODUÇÃO

As Leis 10.639/03 e 11.645/08 tornam obrigatório o ensino das Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Africana e Indígena nas escolas de ensino fundamental e médio. Essas leis são essenciais para reparar o apagamento histórico que as culturas indígenas e africanas sofreram ao longo dos séculos, promovendo debates e questionamentos que levam os alunos a refletir sobre a importância desses acontecimentos no contexto atual. No entanto, os professores enfrentam algumas dificuldades no processo de ensino, como a falta de materiais didáticos acessíveis.

Os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a supervisora do Projeto de Pedagogia planejaram estratégias para trazer essas discussões para dentro da sala de aula, tornando-as acessíveis às crianças do Ensino Fundamental por meio de rodas de leitura e integração aos saberes curriculares. Nosso trabalho se justifica pelo desejo de atuar de forma prática no combate ao racismo por buscar soluções pedagógicas para desafios apontados por Pereira (2011), promovendo a valorização da diversidade e o fortalecimento do diálogo e reflexão sobre identidade cultural e cidadania.

O trabalho dialoga com Nilma Lino Gomes (2025), que destaca a força pedagógica e política do movimento negro na produção de saberes emancipatórios e na construção de

projetos democráticos. Ao planejar e executar atividades em sala de aula, buscamos materializar esses conceitos, fortalecendo a identidade cultural dos alunos e promovendo uma educação antirracista, reflexiva e transformadora.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido no Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEB-UEFS), em Feira de Santana-BA, com turmas do 2º e 4º ano do Ensino Fundamental. As ações ocorreram durante o período de vigência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa da CAPES voltada à valorização da formação inicial de professores, executadas por estudantes de Pedagogia do 3º ao 8º semestre. O PIBID aproxima os licenciandos da realidade escolar, possibilitando experiências práticas que dialoguem com a teoria e contribuam para o fortalecimento da escola pública e construção de práticas pedagógicas socialmente comprometidas.

A pesquisa possui natureza qualitativa, buscando compreender os processos vivenciados na sala de aula — considerando as relações entre professores em formação, crianças e saberes mobilizados. O caráter interventivo e formativo do estudo se manifesta em atividades voltadas à valorização das culturas indígenas e afro-brasileiras, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatória a inserção desses conteúdos no currículo escolar.

As intervenções pedagógicas aconteceram quinzenalmente e foram realizadas por meio de leitura, contação de histórias e rodas de conversa, destacando personalidades negras e indígenas, evidenciando suas trajetórias, lutas e contribuições para a formação social e cultural. Entre as figuras apresentadas estão Sônia Guajajara, liderança indígena; Lucas da Feira, herói popular da Bahia; e Rosa Parks, símbolo do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. As atividades buscaram tensionar o silenciamento histórico dessas identidades e promover a ressignificação da escola como espaço de diversidade, reconhecimento e respeito.

A produção de dados ocorreu por meio de diários de campo, possibilitando sistematização e reflexão crítica sobre os desafios e potencialidades das experiências pedagógicas. Além disso, atividades reflexivas, como questionamentos e debates sobre os fatos e representações apresentadas, permitiram que as crianças compreendessem lutas históricas e construíssem referências positivas de identidade étnico-racial, articulando prática e análise teórica de forma integrada

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento do projeto PIBID, os alunos do 2º e 4º ano do Ensino Fundamental participaram de leituras e atividades que promoviam a valorização das culturas

afro-brasileira e indígena. Resultando em muitos momentos significativos como a leitura de Lucas de Feira, herói baiano que resistiu à escravidão, fazendo com que os alunos se sentissem orgulhosos por conhecer sobre uma personalidade local.

Também houve um momento de representatividade feminina e angolana: a Rainha Guerreira Nzinga Mbandi, cuja coragem e estratégia marcaram sua luta contra o colonialismo. Essa referência histórica desconstruiu a narrativa eurocêntrica e masculina de heroísmo, gerando orgulho e identificação (SOUZA, 2011; LADSON-BILLINGS, 2002). Outro texto que teve um resultado parecido foi o “Tranças: ancestralidade e resistência”, que permitiu às crianças compreender que as tranças são símbolos de identidade, resistência e memória cultural.

As rodas de conversa impulsionadas pela leitura resultaram na participação ativa dos estudantes, confirmando a relevância da educação para as relações étnico-raciais para o fortalecimento da cidadania e identidade dos alunos, dando voz a saberes historicamente silenciados (GOMES, 2019).

O trabalho com as tranças possibilitou perceber como a cultura africana se mantém viva no cotidiano, ressignificando a ancestralidade e o pertencimento. Essa prática aproxima-se dos saberes identitários e estético-corpóreos, essenciais para a construção de um projeto democrático e antirracista (GOMES, 2025). Ao articular leitura e rodas de conversa, as práticas desenvolvidas não apenas cumpriram a legislação (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008), mas também fortaleceram autoestima, pertencimento e valorização da diversidade.

No entanto, houveram alguns desafios como: a falta de acessibilidade nos materiais didáticos, sendo difícil encontrar produções textuais que fossem de fácil compreensão pelos alunos, sendo necessária adaptação linguística dos textos. Também observamos dificuldades para interpretação textual, onde era necessário uma mediação envolvendo perguntas reflexivas. Essas dificuldades são um exemplo claro de como materiais didáticos e acessíveis sobre a pauta étnico-racial ainda são insuficientes.

Como afirma Paulo Freire (1987), a educação deve ser entendida como prática de liberdade, capaz de transformar a realidade por meio da problematização crítica e do reconhecimento da dignidade de todos. Portanto, a experiência vivenciada confirma a importância de práticas pedagógicas que conectem teoria e ação, mostrando que a educação para relações étnico-raciais contribui para a emancipação dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o trabalho atingiu o seu objetivo de contribuir para o debate das relações étnico-raciais na escola, mostrando de forma prática como o educador pode promover igualdade e diversidade na sala de aula. O projeto também mostrou que o ensino da valorização das culturas afro-brasileira e indígena fortalece a identidade dos alunos e promove respeito à diversidade ampliando a compreensão sobre práticas culturais.

Além disso, a experiência proporcionou reflexões significativas sobre a prática profissional, auxiliando os bolsistas a compreender e combater o racismo, tornando a escola mais inclusiva e valorizando a cultura de todas as crianças. Conclui-se, portanto, que o estudo não apenas atingiu os objetivos, mas também gerou aprendizados aplicáveis em contextos acadêmicos e profissionais, reforçando a relevância do tema para futuras práticas pedagógicas e para a formação de educadores conscientes e preparados para atuar em espaços escolares diversos e inclusivos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDIN, Luís Armando; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings)**. Educação & Sociedade, Campinas, v. XXIII, n. 79, p. 275-293, ago. 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático**. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 16, n. 4, p. 12-33, 2024. DOI: 10.46230/lef.v16i4.15207. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15207>. Acesso em: 08 set. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Raça e educação infantil: à procura de justiça**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, jul./set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1015-1044>. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 09 set. 2025.

SOUZA, Maria Elena Viana. **Educação étnico-racial brasileira: uma forma de educar para a cidadania**. In: MIRANDA, Claudia; LINS, Mônica Regina Ferreira; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da (org.). Relações étnicorraciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639. Rio de Janeiro, 2011.